



WorldWeWant2015: Um olhar sobre a Sustentabilidade pela interface da Ecologia e Comunicação¹

Mayara Karla Dantas da SILVA²

Cláudio Cardoso de PAIVA³

Marcos NICOLAU⁴

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

RESUMO

Este trabalho objetiva refletir sobre a relação entre as redes sociais digitais e as transformações do homem com o meio ambiente. Relação esta que remete à ideia de sustentabilidade, situada numa zona de conflito entre dois discursos (o mercadológico e o social), com distintos matizes ideológicos. Pressupõe-se que a visão sistêmica, ao apontar a sustentabilidade vinculada à comunicação e ao padrão de rede, mostra-se mais coerente na medida em que é eticamente motivada pela responsabilidade social e ecológica. E empiricamente, empenha-se na compreensão e análise dos processos interativos, através da rede social digital instalada na plataforma *WorldWeWant2015*, esperando avançar os estudos sobre sustentabilidade e contribuir para a mudança de valores acerca do modelo vigente de capitalismo global.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; redes sociais digitais; sustentabilidade; *WorldWeWant2015*.

Introdução

O modelo antropocêntrico, prevalente desde o renascimento, que coloca o homem no centro do universo está em crise. Desde meados do século XX, no pós-guerra, os fóruns de debates internacionais têm discutido essa crise, apontando para a necessidade de uma nova visão e novas estratégias de ação afirmativa, orientadas pela consciência da complexidade que envolve o homem, o meio ambiente e a tecnologia.

Tem se ampliado uma consciência holística que percebe o mundo conectado em rede, uma ambiência em que os seres e as coisas se encontram em dinâmica interação. Em vários domínios do conhecimento há sinais dessa nova consciência; Capra, Morin, Lévy e Latour são alguns dos pensadores norteados por este novo espírito científico.

A expansão do ciberespaço e das redes sociais digitais tem ampliado a mente, o cérebro e as conexões humanas, influenciando o conhecimento, as ideias e as ações do

¹ Trabalho apresentado no DT 6 – Interfaces Comunicacionais do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de maio de 2014.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação – PPGC/UFPB. Integrante do Grupo de Pesquisa em Processos e Linguagens Midiáticas - Gmid. E-mail: mayarakarladantas@gmail.com.

³ Professor Doutor do PPGC/UFPB. E-mail: claudiocpaiva@yahoo.com.br

⁴ Professor Pós-Doutor do PPGC/UFPB. E-mail: marcosnicolau.ufpb@gmail.com



homem sobre si, o mundo social e cósmico. Logo, assimilando esses insights, o estudo presente parte de algumas premissas que podem nortear a argumentação:

a) As redes sociais digitais e a organização social em rede são experiências simultâneas e recíprocas;

b) A evolução dos meios sociotécnicos e da comunicação em redes colaborativas tem influenciado a relação do homem com o meio ambiente. Assim, desmancham-se as noções antropocêntricas de tempo e espaço, e emerge uma nova consciência de que o homem não é mais o senhor, mas faz parte integrante e essencial do meio ambiente;

c) O despertar da consciência para o estado atual das relações entre homem, natureza e cultura tecnológica tem gerando um debate global, e uma das estratégias discursivas que orienta o debate é o conceito de sustentabilidade;

d) Há, nesta seara, dois discursos distintos e em oposição. Um deles, aliado à expansão do modelo capitalista global (presente na agenda dos líderes mundiais), e o outro, de cunho crítico-analítico e transformador (proposto na agenda dos ambientalistas), que propõe um paradigma ecológico voltado para a conservação da vida.

Este conjunto de discursos instiga a compreendermos como esse processo ocorre, do ponto de vista da “ecologia da comunicação”, considerando-se os padrões da vida em rede, a interação social mediada pela tecnologia, a cooperação sociotécnico-informacional e a economia digital das trocas simbólicas.

Capra (2002) afirma que todos os sistemas vivos que compõem o meio ambiente possuem um padrão: o de rede. Das bactérias aos seres humanos, todos se articulam a partir do modelo reticular, fazendo da Terra uma rede complexa de redes.

Entre elas, estão as redes sociais, que para Recuero (2009), é um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos) e suas conexões (interações ou laços sociais). Logo, redes sociais são atores interagindo, não ferramentas (FRANCO, 2008). Sua análise tem ganhando cada vez mais força, sobretudo, com a Internet, que criou um novo tipo de rede social. As redes sociais intermediadas pelas mídias digitais.

Essas novas formas reticulares são caracterizadas pela relação entre atores, com interesses comuns, a partir da interação, compartilhamento, colaboração, criatividade e mobilização, em tempo real e num espaço global, denominado “ciberespaço”, termo criado por William Gibson, em 1984 e definido por Lévy (1999), como o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e de suas memórias.



Acredita-se que a partir da cultura digital (SANTAELLA, 2003), da era pós-mídia da cibercultura, nos termos de Lévy (1994; 1998), as redes sociais digitais, baseadas nas novas tecnologias da comunicação, têm provocado mudanças significativas, para além das suas áreas de atuação tradicionais, pois vigorosamente têm gerado novas modalidades de veiculação, vinculação e cognição (SODRÉ, 2002).

Dentro do campo da Comunicação, observa-se a construção de um novo fazer social, que alterou pela primeira vez na história a própria arquitetura do processo informativo. Esse novo fazer tem substituindo a forma frontal e unidirecional de repasse das informações; pela forma imersiva, em que o indivíduo se encontra dentro do meio, trocando informações em rede, de modo interativo e colaborativo (DI FELICE, 2011).

Fora do campo da Comunicação, compreendemos sua influência na ascensão do modelo vigente de capitalismo global, de um lado, e o desenvolvimento de um projeto ecológico, do outro. Ambos defendem a sustentabilidade, em sua agenda, mas seus objetivos, interesses e estratégias de ação são distintos e divergentes. Conseqüentemente, o termo se inscreve e permanece numa zona de conflito, nos âmbitos ideológico, ético-político e praxiológico.

Convém observar as distinções entre estes dois discursos prevalentes de sustentabilidade. O primeiro, defendido pelas instâncias empresariais, corporativas e governamentais, tem o foco no mercado, o objetivo de elevar ao máximo a rentabilidade financeira e o assegurar o poder de suas elites, ao mesmo tempo em que discursa – paradoxalmente - sobre a necessidade de um projeto social mais justo e a conservação do meio ambiente, configurando-se assim como uma sustentabilidade utópica.

O segundo, pautado pelas organizações não governamentais e por uma parcela expressiva da população, privilegia a dimensão social e objetiva elevar ao máximo a sustentabilidade da vida, propondo um projeto a ser realizado, a partir da adoção de determinadas estratégias de ação. São, portanto, duas propostas em rota de colisão (CAPRA, 2002).

Assim como Capra (2002), defende-se aqui a ideia de que a sustentabilidade é possível, mas a partir da mudança no atual modelo capitalista global. E os estudos no campo da comunicação (em níveis institucionais e epistemológicos), podem contribuir efetivamente, nessa direção, desde que se considere o padrão de rede da sustentabilidade e se dê um crédito de confiança, apostando na mudança dos valores humanos.



As mudanças em curso no ciberespaço se realizam através do exercício da criatividade, interatividade e colaboração. Segundo Capra, as mesmas redes eletrônicas, em que ocorrem os fluxos financeiros e informacionais, podem ser reprogramadas com outros valores; esta experiência já se realiza concretamente no século XXI.

Alguns avanços na área são notáveis. Observe-se, por exemplo, a rede social criada pela ONU, instalada na plataforma *WorldWeWant 2015*⁵, demonstrando, de forma inédita, à participação popular na nova agenda global de desenvolvimento, a Agenda Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, também chamada como Agenda Pós-2015.

É importante reconhecer como tal experiência tem ultrapassado os limites políticos do agendamento, moldando o discurso da sustentabilidade e servindo como ambiente propício para novas hibridações sociotécnico e comunicativas geradoras de avanços ético-políticos, ecológicos e sociocomunicacionais.

No discurso oficial, disseminado a partir de 1987, através do Relatório de *Brundtland*, a Organização das Nações Unidas (ONU) define sustentabilidade como a soma reducionista de ações setoriais.

Um tripé, denominado *Triple Bottom Line* (a linha das três pilastras), que segundo Boff (2012) foi criado em 1990 pelo britânico John Elkington, fundador da ONG *SustainAbility*, e que apresenta o desenvolvimento sustentável como algo que deve ser economicamente viável, socialmente justo e ambientalmente correto.

A partir de uma perspectiva crítica, percebe-se na *WorldWeWant2015*, que sustentabilidade não é identificada como algo a ser alcançado no futuro, salvando o planeta, reduzida à soma artificial de ações setoriais, nem a um conjunto de ideias livres da ação política.

Pelo contrário, na plataforma sustentabilidade é apontada como algo regulador da adaptação, com foco no presente e que muda de acordo com as circunstâncias, de modo descentralizado, com ênfase na dimensão social, baseado na cooperação em rede, “pois tudo que é sustentável tem esse padrão” (FRANCO, 2008); logo, está fortemente ligado ao campo da comunicação.

Entende-se, pois, que a plataforma não trata apenas de um agendamento mundial, mas exemplifica novas dinâmicas sociais e comunicativas, a partir de comunidades ativas, interagindo sobre desafios comuns, críticos e em tempo real.

⁵ Disponível em: <http://www.worldwewant2015.org/> Acessado em: 12/03/2014.



Comunicação em Sustentabilidade

A Comunicação está na sustentabilidade. Para compreender tal afirmativa é preciso entender primeiro, as redes. A metáfora de rede para definir a sociedade não é novidade. Seus estudos se iniciaram no século XVIII e sua base está nas ciências exatas.

Em 1736 o matemático Leonard Euler criou a Teoria dos Grafos. Abordagem que ajudou no estudo de sistemas, entre eles os sociais, incentivando às ciências sociais, no século XX, a criarem a Análise Estrutural das Redes Sociais (RECUERO, 2009).

É nesse sentido que a Teoria da Complexidade – também chamada de dinâmica “não-linear” e que de acordo com Capra (2002), tem bases matemáticas e trata de uma teoria para descrever e analisar a complexidade dos sistemas vivos – descobriu o que já têm sido usadas há bilhões de anos pela rede planetária de bactérias, e que é propalado pelas tecnologias de engenharia genética e pela rede global de comunicações, como avanços exclusivos da civilização moderna: onde há vida, há redes.

Os ecossistemas são formados por redes de organismos; os organismos por redes de células; as células por redes de moléculas. No entanto, Capra (2002) alerta que não devemos transferir para o domínio social nossa compreensão das redes biológicas, pois os nós e os elos da cadeia não são simplesmente bioquímicos. Para ele, as redes sociais são, antes de mais nada, redes de comunicação, que envolvem a linguagem simbólica, os limites culturais, as relações de poder e assim por diante.

Tais características chamam a atenção não apenas pelo formato da comunicação, mas, por influenciar aquilo que está mudando profundamente as formas de organização, identificação, conversação e mobilização social. O novo tipo de rede, as digitais, tem contribuído, por tanto, com as mudanças no significado e nas práticas dos atores sociais, assim como, nos paradigmas de categorias e de conceitos (RECUERO, 2005).

Um dos exemplos mais emblemáticos, para esse estudo, é sua influência na discussão, construção, desconstrução e disseminação do termo sustentabilidade, usado para adjetivar o processo atual, em constante mudança, de desenvolvimento.

Acredita-se que o desafio ao discutir sustentabilidade, no âmbito da Comunicação, parte da dificuldade que há em reconhecer que esse processo está ligado, antes de tudo, ao padrão de rede e de organização e convivência social. Fala-se em preservar o meio ambiente, quando o que se deve preservar é o que nos faz humanos: a rede, a cooperação, a criatividade (FRANCO, 2008). Em suma, a própria comunicação e tudo o que constitui o social. Só assim poderemos preservar qualquer outra coisa.



Comunicação e Sustentabilidade

Quando se afirma que o desafio ao discutir sustentabilidade, no âmbito da Comunicação, parte da dificuldade em reconhecer que esse processo está ligado, primordialmente, aos padrões de organização e convivência, e que é preciso preservar a dimensão social, fica claro que há características comuns que unem as bases desses dois universos complexos. Propomos então algumas ligações pontuais que fazem refletir o contexto da sustentabilidade, dentro do ciberespaço, a partir das redes sociais digitais.

A princípio, ao mesmo tempo em que desenvolvimento e sustentabilidade se contrapõem, comunicação e sustentabilidade se aproximam. Isso porque, a sustentabilidade está ligada mais ao campo social do que ao campo econômico.

Em um segundo momento, são dois fenômenos novos, em curso, com padrão de rede e que estão provocando mudanças significativas dentro e fora de seus campos.

O terceiro ponto está numa conexão histórica entre as duas culturas, tanto no que diz respeito ao início da cultura digital, como ao aceleração da busca por uma nova cultura ecológica, ambos desenvolvidos a partir da segunda metade do século XX.

A cultura digital tem como base o surgimento da Internet, na década de 1960. Foi a partir de pesquisas militares, como se sabe, quando a União Soviética e os Estados Unidos exerciam o controle do mundo, usando os meios de comunicação para se consolidarem que a Internet foi originada. Ao se sentir ameaçado, os Estados Unidos, que temia um ataque russo às bases militares, que poderia trazer a público informações sigilosas, criou um modelo de compartilhamento de informações para descentralizá-las.

Do mesmo modo, sabemos que a busca por uma nova cultura ecológica também surge no período da Guerra Fria, ao perceber a destruição do mundo e seus impactos econômicos e ambientais. Passa-se, a partir de 1972, na Conferência das Nações Unidas sobre o Ambiente Humano, a questionar o conceito de desenvolvimento vigente.

Ao observar, a relação da comunicação com a sustentabilidade, corrobora-se com o paradigma crítico e interacional defendido por Leff (2010). Crítico porque, embora haja um aumento da midiatização sobre tal temática, a sua disseminação tem esvaziado seu sentido. Sobretudo porque o termo sustentabilidade carrega diferentes definições, que através de estratégias discursivas, se transformam em táticas de poder e levam a um confronto de sentidos teóricos, políticos e éticos. Interacional, pois enquanto as posições hegemônicas procuram alternativas técnicas, se acredita que o foco está no social, a partir da mudança no modelo capitalista de iniquidade social.



Comunicação para Sustentabilidade

A Comunicação é necessária para que haja sustentabilidade, pois, esta só é possível a partir das interações, da cooperação, da adaptação e da criatividade.

É verdade que o termo “sustentável” não é novo. Vem do latim *sustentare* e significa, sustentar, suportar, manter, conservar, o que nos leva a compreendê-lo como algo linear, rígido. Porém, seu uso numa discussão científica é mais recente. E nesse novo contexto, sustentabilidade deve ser encarada de modo cíclico, sistêmico, em rede.

Diante dessa preocupação contemporânea, diversos autores, a exemplo de Furtado (1981), Sachs (1994), Redclift (1995), Almeida (1997), Jara (1998), Leff (1998), Sen (2000), Caporal e Costabeber (2000), Frey (2001), Capra (2002), Veiga (2008), Boff (2012) vêm buscando discutir o desenvolvimento e a sustentabilidade para contribuir com o debate em diversos níveis cognitivos, a partir da dinâmica globalizada.

Baseado nesses e em outros estudos, inquietações e questionamentos, temos observado a construção e disseminação de dois discursos sobre a sustentabilidade, que operam simultaneamente em uma zona de conflito de ideias, e que, de acordo com Leff (2010), surgiram no campo da ecologia política, em decorrência da crise ambiental, a partir da insustentabilidade ecológica da racionalidade econômica.

Numa primeira dimensão, denominada aqui como dimensão desenvolvimentista, sustentabilidade está associada ao conceito de desenvolvimento, definido ainda com frequência pelas ciências sociais, como sinônimo de progresso, crescimento, industrialização e modernização (SCATOLIN, 1989), e ligada diretamente ao mercado.

Numa outra, que chamaremos de dimensão sistêmica, sustentabilidade não é encarada como um patamar a ser alcançado, mas, como um processo em mudança, motivado pela crise ao qual o mundo se encontra, mas que é tratada para além do equilíbrio da tríplice de categorias que a gerou, com foco, sobretudo na do social.

O primeiro desdobramento fica claro no discurso oficial, que é o discurso disseminado a partir de 1987, pela ONU, através do Relatório de *Brundtland*. Aqui, sustentabilidade é definida como algo que tende a “suprir as necessidades da geração presente, sem afetar a habilidade das gerações futuras de suprir as suas próprias necessidades” (PNUMA, 2002). Para isso, a ONU defende a soma reducionista de ações setoriais, apresentando a sustentabilidade como um patamar do desenvolvimento, baseado numa economia viável, um social justo e num meio ambiente preservado.



As principais afirmativas que aparecem nessa noção de sustentabilidade são: a) Sustentabilidade é um modelo de desenvolvimento; b) Se sustentabilidade é desenvolvimento, logo, é também crescimento; c) Sustentabilidade é o equilíbrio entre as dimensões social, ambiental, econômica; d) O principal foco da sustentabilidade é a dimensão ambiental; e) Ela é a chave para salvar o planeta; f) É algo que será alcançado no futuro, a partir de metas e programas; g) É um modelo linear e vertical.

Na contramão desse discurso, aparece a visão de outros atores sociais (cientistas, ativistas, educadores, pessoas comuns), e que definem sustentabilidade a partir da mudança do modelo vigente de capitalismo global, através de ações políticas.

As afirmativas sobre sustentabilidade que aparecem aqui são outras: a) Sustentabilidade e desenvolvimento são noções que se contrapõem; b) Ela é mutável de acordo com as circunstâncias, e não permanentemente crescente; c) Ela não se resume a soma reducionista de ações setoriais; d) Seu principal foco está na dimensão social, pois só a partir da mudança de valores sociais é que a economia pode ser reestruturada e o meio ambiente valorizado; e) Não é a sustentabilidade que salvará o mundo, mas a mudança do paradigma capitalista global; f) Ela está ligada ao presente, ou seja, as nossas crenças e atitudes do agora; g) Ela é algo cíclico, sistêmico, com padrão de rede, ligada as formas de interação, cooperação, adaptação e criatividade.

Para Boff (2012), desenvolvimento e sustentabilidade é algo contraditório:

O desenvolvimento realmente existente é linear, crescente, explora a natureza e privilegia a acumulação privada. [...] A categoria sustentabilidade, ao contrário, provém das ciências da vida e da ecologia, cuja lógica é circular e includente. Representa a tendência dos ecossistemas ao equilíbrio dinâmico, à interdependência e à cooperação de todos com todos. Como se depreende: são lógicas que se auto-negam: uma privilegia o indivíduo, a outra o coletivo, uma enfatiza a competição, a outra a cooperação, uma a evolução do mais apto, a outra a co-evolução de todos interconectados⁶ (BOFF, 2012).

Através das ideias de lógica circular, cooperação, coletivo e interconexões, fica claro que comunicação e sustentabilidade são contextos que se aproximam. Mas como podemos observar, de modo prático, tudo o que foi discutido até aqui? Enxerga-se na plataforma *WorldWeWant2015*, uma oportunidade ímpar para caminhar nessa direção.

⁶ Disponível em: <http://leonardoboff.wordpress.com/2012/01/29/critica-ao-modelo-padrao-de-sustentabilidade/>
Acessado em: 21/03/2014.



De Que Mundo Estamos Falando?

Diante da diversidade de exemplos de redes sociais que abordam a temática sustentável no ciberespaço, observamos a categoria governamental. A categoria governamental representa o uso das redes sociais digitais por instâncias políticas (governos, partidos), através de um discurso politizado em prol do meio ambiente.

A plataforma *WorldWeWant2015* está inserida nesse grupo e representa uma das ações mais significativas da ONU, para definição da Agenda Pós-2015.

Desde 1972, com a fundação do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), primeira agência ambiental global, e da realização da Conferência de Estocolmo, a cada dez anos os países membros da ONU se reúnem para alertar sobre necessidades, renovar negociações internacionais e discutir as consequências das propostas anteriores.

A criação da Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (CMMAD), a realização da Rio 92, da Rio+10 constata a cronologia desses eventos.

Desde então, até a 2002, aconteceram 20 encontros, 16 convenções e 9 publicações (PNUMA, 2002). A Rio+20 é o último evento, sucedido em 2012, no Brasil e O Futuro que Queremos, o último documento publicado nesse sentido.

Tal debate sempre foi realizado de forma fechada entre chefes de Governo, acompanhado por ONGs, divulgado pelas mídias e observado pelo resto da população, resultando na produção de documentos, como as agendas globais de desenvolvimento.

No entanto, as últimas iniciativas se destacam por influenciar pela primeira vez na história, a construção de uma agenda global estabelecida com a participação popular, diferente do que aconteceu com a Agenda 21 e com os Objetivos do Desenvolvimento do Milênio (ODM), dando origem a plataforma *WorldWeWant2015*.

Do ponto de vista da ONU, a plataforma *WorldWeWant2015* é uma iniciativa para incorporar através de uma rede social digital, criada após a última Conferência, em 2012, a opinião popular de 193 países à nova agenda global de desenvolvimento.

A plataforma utiliza dois tipos de rede, identificadas como consultas para atingir sua finalidade: Nacional e por Categoria. Ambas as consultas possuem em comum moderadores, fóruns e acesso à informação a partir de diferentes mídias: hipertextos, imagens, vídeo e áudios.

Os membros e os fóruns são sua base e instrumento. A partir dos chamados “E-Debates”, através de interações *assíncronas* (REID, 1991), ou seja, não imediatas,



essencialmente; e *reativas* (PRIMO, 2003) construídas, negociadas, criativas, dialógicas, as redes incentivam o aprendizado, engajamento e a ação.

A Consulta Nacional é dividida pela nacionalidade. Trata-se de uma rede criada para cada país. Para interagir, os usuários se inscrevem na página e se comunicam a partir das categorias Vozes e Discussões (fóruns), e têm acesso a informações a partir dos itens Eventos (calendário) e Recursos (documentos, artigos, ligações, vídeos e galerias). Ainda é possível selecioná-los pelo acesso mais recente ou popular.

Por outro lado, a Consulta por Categoria é divididas por temas. São onze: Desigualdade, Governo, Crescimento e Empresas, Saúde, Educação, Sustentabilidade Ambiental, Segurança Alimentar e Nutricional, Conflitos e Fragilidade, Dinâmica Populacional, Energia, e Água.

Diferente da Consulta Nacional, para interagir o usuário se torna membro, aumentando o nível de interatividade. A rede também oferece as funções Discussões, Eventos e Recursos, mas, além disso, permite a interação entre membros, a identificação dos usuários, e a análise de suas atividades, a partir de seus perfis; a criação de blogs, dentro da rede, e a discussão sobre/com a rede através do Twitter.

Segundo a Organização das Nações Unidas⁷, até o momento mais de um milhão de pessoas já participaram da conversa global, representando 1.100 comentários e incorporando 5.000 membros a rede.

E o relatório final⁸, sobre tais discursos, elaborado por 80 especialistas, foi compartilhado entre os líderes mundiais e à sociedade civil na 68ª Sessão da Assembleia Geral da ONU, ocorrida em Nova Iorque, em setembro de 2013.

A publicação da Agenda Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) ou Agenda Pós-2015, que deve substituir a Agenda Objetivos do Milênio (ODM), está prevista para 2015.

De modo geral, todos os agendamentos mostram-se limitados, pois como bem observa Ferreira (2013), tais documentos representam a agregação de um número restrito de metas sobre questões complexas a serem alcançadas em determinado espaço de tempo, minimizando contextos como Educação e Saúde; trazem uma visão parcial de desenvolvimento; tratam da construção de metas com abrangências nacionais, deixando de lado as questões regionais e locais; e apresentam conclusões parciais, já que o

⁷ Disponível em: <http://www.worldwewant2015.org/millionvoices/> Acessado em: 04/03/2014.



monitoramento desses objetivos é, geralmente, quantitativo e por não existir monitoramento para o cumprimento de tais metas.

A análise dos ODM, assim como afirma Ferreira (2013, p.7), “tem sido principalmente efetuada com base em números globais, que embora ilustrem o quadro global da evolução para cada objetivo, não refletem as diferenças persistentes, quer entre países, quer dentro dos países”.

Ainda segundo a autora, tais objetivos só medem resultados diretos e não impactos, pois são poucas as metas qualitativas, e enfatizam a dimensão nacional dos problemas, quando há muitas questões regionais e locais muitas vezes desconsideradas, e que provocam consequências que passam despercebidas pelo agendamento.

Todos esses parâmetros reafirmam o modelo de dimensão desenvolvimentista, ensejado pela ONU há mais de 20 anos, mascarado pelo apelo ecológico em prol da conservação da biodiversidade, do equilíbrio econômico e de um social justo, mas que começa a ser posto em xeque pelos próprios atores sociais, que pela primeira vez estão contribuindo, de forma dialógica, para uma nova dimensão de sustentabilidade.

Porém, embora importantes, não é, necessariamente os objetivos ou metas a serem alcançados, nem os números aos quais os relatórios chegaram que mais nos interessa. Mas sim, compreender como esse processo está sendo desenvolvido.

Ou seja, como se dá as interações, o processo colaborativo, os pontos de criatividade e de trocas simbólicas numa rede social, de nível global, dentro de uma plataforma criada pela ONU, que se propõe a ouvir a população, e que, de modo geral defende um discurso que vai de encontro aos seus próprios interesses? Quem são esses atores sociais? Como é a estrutura, o formato, as características, dinâmicas e densidades dessa rede? Quais os tipos de laços sociais, da multiplexidade e de relações, através do conteúdo, direção e força? São fortes? São fracos? Por fim, que mundo é esse que nós queremos?

Já se sabe que dois mundos diferentes estão sendo almeçados e construídos através dessas interações. Cada um com seus princípios, que se contrapõem quanto aos seus interesses fundamentais, e que nesse momento, encontram-se em processo de colisão. Processo esse que deixa claro que, no fim das contas, só um desses mundos resistirá. Saber qual deles será, como o vencedor ganhou a coroa e como pretende lidar com os resíduos dessa disputa é o que nos estimula e nos mantém nessa investigação que está só no início.



Considerações Finais

Já afirmamos aqui que todos os sistemas biológicos possuem padrão de rede. E que, entre esses sistemas, conectados em um novo espaço, o ciberespaço, possibilita a organização social em rede através da tecnologia digital e estão mudando a relação do homem com o meio ambiente, a partir da transformação da noção de tempo e de espaço, bem como, da ideia de que o homem faz parte do meio ambiente, sem ser superior a ele e as outras formas de vida que nele coabitam, conforme o pensamento ecológico.

Tal percepção tem gerado um conflito de ideias, tensionados no termo sustentabilidade e que aparece confuso através de dois discursos. Um que chamamos aqui de desenvolvimentista, ligado ao comércio, e outro de sistêmico, ligado ao social.

Diante da insustentabilidade do modelo capitalista global, defende-se que a discurso sistêmico, de fato, é mais coerente e que, logo, deveria ser incorporado na base de todos os discursos, sobretudo nos discursos oficiais, já que possuem maior influência, com o objetivo de contribuir para a mudança de crenças e valores humanos.

Acreditamos que isso só será possível quando se reconhecer que esse processo está ligado, antes de tudo, aos padrões de organização, de convivência e interação social, logo, ao campo complexo e abrangente da comunicação. Pois, ambos são fenômenos novos, em curso, com padrão de rede, que se iniciaram a partir de consequências que lhes são comuns e que estão vinculados mais a dimensão social do que a qualquer outra dimensão, embora se tente a todo tempo provar o contrário.

Partindo desse pressuposto, acreditamos também que ao ultrapassar os limites da busca por compreender esses dois discursos, coisa que já vem sendo feito de forma exaustiva, e mudando o foco para compreensão e análise das interações, dos pontos de criatividade e cooperação, das trocas simbólicas, ou seja, de como tem se dado esse processo, do ponto de vista da comunicação, será possível dar um salto ainda maior no que diz respeito aos estudos voltados para o contexto da sustentabilidade.

Por fim, acreditamos, ainda, que através da análise da rede social digital presente na plataforma *WorldWeWant2015*, tal estudo será satisfatório. É uma experiência sobre a qual não fazemos ideia aonde nos levará ou a que conclusões chegaremos, mas que se mostra instigante. Suas implicações podem produzir (se é que já não estão produzindo) efeitos decisivos sobre o futuro da humanidade. Afinal, temos que decidir o mundo que nós queremos, não só para 2015. E se a escolha for a de um mundo sistêmico com foco na vida, será preciso correr contra o tempo.



Referência Bibliográficas

CAPRA, Fritjof. **As Conexões Ocultas: Ciência para uma vida sustentável**. São Paulo: Cultrix, 2002.

DI FELICE, Máximo; TORRES, Julliana Cutolo; YANAZE, Leandro Key Higuchi. **Redes digitais e sustentabilidade: As interações com o meio ambiente na era da informação**. São Paulo: Annablume, 2011.

ESTADOS UNIDOS. Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente. **Perspectiva do meio ambiente mundial 2002**. Earthscan Publications Ltd, 2002.

FERREIRA, Patrícia Magalhães. **A Agenda pós-2015 para o Desenvolvimento: da Redução da Pobreza ao Desenvolvimento Inclusivo?** Lisboa: IMVF Policy paper, ago, 2013.

FRANCO, Augusto de. **Tudo que é sustentável tem o padrão de rede: Sustentabilidade Empresarial e Responsabilidade Corporativa no Século 21**. Curitiba: ARCA – Sociedade do Conhecimento, 2008.

FREY, Klaus. A dimensão político-democrática nas teorias de desenvolvimento sustentável e suas implicações para a gestão local. **Ambiente e Sociedade**, p. 1-34, Set, 2001.

FURTADO, Celso. Uma política de desenvolvimento para o Nordeste. *Novos Estudos*. São Paulo: Cebrap, 1981.

JARA, Carlos. **A sustentabilidade do desenvolvimento local**. Rio de Janeiro: IIED/AS – PTA – Secretaria do Planejamento do Estado de Pernambuco, 1998.

LEFF, Enrique. **Discursos Sustentáveis**. São Paulo: Cortez, 2010

BOFF, Leonardo. Crítica ao Modelo-Padrão de Sustentabilidade. Em: <<http://leonardoboff.wordpress.com/2012/01/29/critica-ao-modelo-padrao-de-sustentabilidade/>>. Acesso em: 21 março 2014.)

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva. Para uma antropologia do ciberespaço**. Lisboa: Ed. Instituto Piaget, 1994.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SACHS, Ignacy. **Estratégias de transição para o século XXI**. Caderno de Desenvolvimento: Sociedade, Desenvolvimento e Meio Ambiente, Curitiba, n. 1, p. 47-62, set 1994.

SANTAELLA, Lúcia. **A ecologia pluralista das mídias locativas**. Porto Alegre: Revista Famecos, 2008.

_____. **Culturas e artes do pós-humano: da cultura da mídia à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003. SEN, A. **Desenvolvimento como Liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

VEIGA, José Eli da. **Desenvolvimento Sustentável: O Desafio do Século XXI**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.